

Paula Rego | **Cruzeiro Seixas**

*Um cadavre exquis*

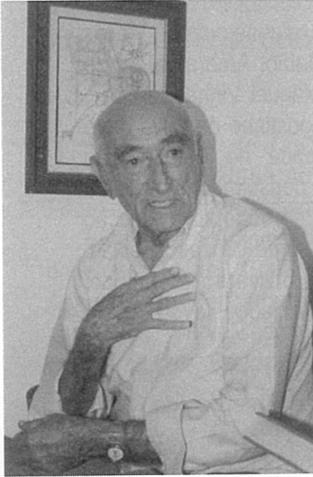
Maria João Cantinho | O conto-parábola  
*Caligrafia da Solidão*

José Marinho |  
Aforismos sobre o teatro e o  
drama oculto

# CRUZEIRO SEIXAS | *o surreal em chamás* Dossier de 50 páginas |

Poesia e pintura inéditas

**entrevista**  
testemunhos de Cesariny,  
Herberto Hélder e outros



## c r u z e i r o s e i x a s

ENTRE vista:

«Não sou nem um intelectual nem um artista.»

---

um [des]concerto para cinco vozes afinadas  
(António Cândido Franco, Rui Lopo, Raquel Nobre  
Guerra, Bruno Bêu de Carvalho e Duarte Drumond  
Braga) e um instrumento de quase silêncio afiado  
(Luiz Pires dos Reys)

**[Cruzeiro Seixas]** Antes de mais, há uma coisa que eu sempre tenho dito, e que já disse em diversas entrevistas — já não tem novidade nenhuma — é que não sou nem um intelectual nem um artista. E repito a frase, exactamente, porque não encontro outra melhor. Quando me diziam como tal, é como se me dessem uma bofetada. É assim que digo. Não gosto particularmente da designação de artista. De maneira que é dentro deste esquema que nós iremos falar.

### O surrealismo em Portugal: os primórdios

**[Entre]** *Começo por fazer-lhe algumas perguntas. A primeira: qual foi o primeiro contacto que o Artur teve com o Surrealismo?*

**[CS]** Foi através do Mário. Tudo vinha através do Cesariny. Realmente, o Cesariny já era surrealista antes de nós sabermos que havia surrealismo. Eu não direi tanto; mas posso mostrar-vos alguns desenhos — a minha mãe guardou desenhos meus de antes dos 5 anos, e os desenhos eram bastante estranhos embora tivessem qualquer coisa a ver com a realidade. O Mário, desde sempre, foi o

Breton de cá. O Mário era uma presença desde logo estranha e diferente de toda a gente — isto na escola, quando éramos garotos, dezassete, dezoito anos, devia ser a idade em que nos conhecemos. E claro, começámos a fazer coisas sem conhecimento nenhum de que havia uma coisa que se chamava dadaísmo, mas aquilo que nós fazíamos no nosso dia-a-dia era já dadaísmo. Tínhamos visto vagamente um papelinho ou outro — mas a Pide não deixava chegar cá as coisas. Íamos às livrarias, e coisas dessas não havia cá. Por outro lado, havia também uma porta fechada terrível, que era o neo-realismo. Quem não era neo-realista não era gente neste país. Chegou então a altura em que ficámos entalados na porta, como o Martim Moniz, e sem saber para que lado nos havíamos de virar; mas desde logo a nossa simpatia foi para outra coisa. Está claro, aqueles poetas neo-realistas são encantadores, mas tudo aquilo é tão curto... Há achados literários engraçados, mas eu só os entenderia dentro deles, sociologicamente. Há uma coisa que eu aprendi com o tempo, talvez não estivesse a ver bem a coordenada: a liberdade, com o dé grande, que nós todos desejamos tanto, com o 'd grande', ou está dentro de nós, ou não está em parte nenhuma. Se nós estamos à espera que os senhores políticos nos dêem a liberdade, estamos lixados. Andamos sempre nisto: "a